

# PRÓLOGO

São coisas estranhas, os segredos.

Existem três tipos de segredo. O primeiro é aquele que já todos conhecemos: o tipo que exige, no mínimo, duas pessoas — uma para o guardar e outra para nunca o descobrir. O segundo tipo é mais complicado: são aqueles que guardamos de nós próprios. Todos os dias, há milhares de confissões que ficam por fazer, ocultas até dos seus possíveis confidentes, sem que os donos percebam que, no fundo, todos esses segredos se resumem às mesmas duas palavras: *Tenho medo*.

E depois há o terceiro tipo de segredo, o mais profundo. Um segredo que ninguém conhece. Talvez tenha sido partilhado em tempos, mas foi levado para o túmulo. Ou talvez seja apenas um mistério sem propósito, esquecido e solitário, nunca descoberto porque ninguém tentou procurar.

Por vezes, muito raramente, um segredo fica por revelar porque a sua imensidão transcende as capacidades da mente humana. Demasiado estranho, vasto, aterrador para ser sequer considerado.

Todos temos segredos. Somos os seus guardiões ou os que deles são mantidos à parte, jogadores ou jogados. No fim de tudo, só sobrarão segredos e baratas.

Ronan Lynch vivia rodeado por todos os tipos de segredos.

O primeiro tinha que ver com o pai. Niall Lynch era um poeta fanfarrão, um músico falhado, um charmoso azarado nascido em Cumbria, mas com raízes em Belfast, e Ronan amava-o mais do que tudo.

Embora fosse um canalha e um demónio, Niall fazia dos Lynches uma família rica. A sua profissão era um mistério. Ausentava-se durante

meses, sem que ninguém soubesse se isso se devia ao seu trabalho ou à sua personalidade de vigarista. Sempre que voltava, trazia presentes, tesouros e somas inimagináveis de dinheiro, mas, para Ronan, o verdadeiro tesouro era o próprio Niall. Cada despedida parecia definitiva, e cada regresso era um milagre.

— Quando eu nasci — dizia Niall Lynch ao filho do meio —, Deus quebrou o molde com tanta força que a terra tremeu.

Era só mais uma das suas mentiras, porque, se Deus tivesse mesmo quebrado o molde para criar Niall, teria feito uma cópia vinte anos depois para formar Ronan e os dois irmãos, Declan e Matthew. Os três irmãos eram réplicas do pai, cada um destacando um lado diferente dele. Declan tinha o mesmo jeito de dominar uma sala. Os caracóis de Matthew carregavam o humor e o carisma de Niall. E Ronan era tudo o que sobrava: olhos como lava e um sorriso feito para a guerra.

Não havia neles quase nada da mãe.

— Foi um verdadeiro terramoto — acrescentava Niall, mesmo que ninguém tivesse perguntado (e, conhecendo Niall, provavelmente perguntavam). — Quatro vírgula um na escala de Richter. Qualquer coisa abaixo disso teria apenas rachado o molde.

Nessa altura, Ronan já não era do tipo de acreditar, mas isso pouco importava, porque o pai não queria confiança, queria veneração.

— E tu, Ronan — dizia Niall, com um tom diferente. Pronunciava sempre o nome como se quisesse dizer outra coisa, talvez *faca*, *veneno* ou *vingança*, mas trocava à última hora por Ronan. — Quando nasceste, os rios secaram e o gado de Rockingham chorou sangue.

Era uma história que contava vezes sem conta, mas Aurora, a mãe de Ronan, garantia que era mentira. Dizia que, quando ele nascera, as árvores tinham florescido e os corvos de Henrietta rido. Quando os pais discutiam sobre o seu nascimento, Ronan nunca lhes dizia que ambas as versões podiam ser verdade.

Declan, o mais velho dos irmãos Lynch, perguntou uma vez:

— E o que aconteceu quando eu nasci?

Niall olhou para ele e respondeu:

— Não sei. Não estava cá.

Quando Niall dizia o nome de *Declan*, soava sempre a *Declan*.

E depois desapareceu por mais um mês. Ronan aproveitou para vasculhar os Celeiros, como era conhecida a enorme propriedade dos Lynches, à procura de pistas sobre a origem do dinheiro. Não encontrou nada sobre o trabalho do pai, mas descobriu um recorte de jornal amarelado numa caixa de metal enferrujada. A notícia, de quando o pai nascera, relatava o terramoto de Kirkby Stephen, sentido no norte de Inglaterra e no sul da Escócia. Quatro vírgula um. Qualquer coisa abaixo disso teria apenas rachado o molde.

Nessa noite, Niall voltou sob o manto da escuridão e, quando acordou, encontrou Ronan ao lado da cama no quarto principal. A luz da manhã fazia-os parecer anjos cobertos de neve — o que já era, por si só, uma mentira. O rosto de Niall estava sujo de sangue e pétalas azuis.

— Sonhei com o dia em que nasceste, Ronan — disse Niall.

Passou a mão pela testa para mostrar que não tinha ferida nenhuma. As pétalas misturadas no sangue tinham a forma de pequenas estrelas. Ronan teve a certeza de que vinham da mente do pai. Nunca estivera tão seguro de nada na vida.

O mundo abriu-se, expandiu-se, tornou-se infinito.

— Sei de onde vem o dinheiro — disse Ronan.

— Não contes a ninguém — respondeu o pai.

Esse foi o primeiro segredo.

O segundo segredo era mais profundo. Ronan nunca o dizia. Nem sequer o pensava. Nunca lhe deu palavras, mas ele estava sempre lá, como uma música ao fundo.

E depois havia isto: três anos depois, Ronan sonhou com o carro do seu amigo Richard Gansey III. Gansey confiava-lhe tudo, menos armas. Nem armas, nem o carro — o *Camaro* preto de 1973 com riscas pretas e um toque infernal. Quando Gansey saía da cidade, levava sempre as chaves consigo.

Mas, no sonho de Ronan, Gansey não estava lá. O *Camaro*, sim. O carro estava estacionado numa esquina inclinada de um parque abandonado, com montanhas azuladas ao fundo. A mão de Ronan agarrou o puxador da porta do condutor. Era uma força de sonho, apenas o suficiente para agarrar a ideia de abrir a porta. Isso bastava. Ronan sentou-se ao volante. As montanhas e o parque eram do sonho, mas

o cheiro no interior era uma memória: gasolina, vinil, alcatifa e anos sobrepostos.

*As chaves estão na ignição*, pensou Ronan.

E estavam.

As chaves pendiam da ignição, como frutos metálicos. Ronan ficou a observá-las, como que a experimentá-las na mente. Mexeu nelas, do sonho para a memória e de volta ao sonho, e depois fechou a mão sobre elas. Sentiu o cabedal gasto do porta-chaves, o frio do metal e a promessa afiada da chave de ignição entre os dedos.

Depois, acordou.

Quando abriu a mão, as chaves estavam lá, na sua palma. Do sonho para a realidade.

Esse foi o terceiro segredo.

# 1

**T**eoricamente, era muito provável que Blue Sargent acabasse por matar um daqueles rapazes.

— Jane! — gritou alguém do outro lado da colina. Era para Blue, embora Jane não fosse o seu verdadeiro nome. — Anda, despacha-te!

Como a única pessoa não-clarividente numa família cheia de videntes, Blue já ouvira o seu futuro ser-lhe contado vezes sem conta, e em todas elas lhe tinham dito que mataria o seu verdadeiro amor se tentasse beijá-lo. Além disso, tinham previsto que este seria o ano em que ela se apaixonaria. *E* tanto Blue como a sua meia-tia vidente, Neeve, tinham visto um dos rapazes a caminhar pelo trilho invisível dos mortos naquele mês de abril, o que significava que ele deveria morrer nos próximos doze meses. Tudo somado, era uma equação de fazer tremer.

No momento, esse rapaz em particular, Richard Campbell Gansey III, parecia invencível. No vento húmido que soprava no topo da vasta colina verde, a sua camisola polo amarela, de um tom quase agressivo, ondulava-lhe contra o peito, e os calções caqui batiam-lhe nas gloriosas pernas bronzeadas. Rapazes como ele não morriam; eram transformados em estátuas e colocados em frente a bibliotecas públicas. Ele estendeu uma mão na direção de Blue, enquanto ela subia a colina vinda do carro. Não parecia um gesto de incentivo, mas sim algo mais parecido com a forma como se guia o tráfego aéreo.

— *Jane*, tens de ver isto! — A voz dele era carregada do sotaque doce e preguiçoso de quem vem de uma linhagem rica da velha Virgínia.

Enquanto Blue avançava pela colina, com o telescópio ao ombro, avaliou mentalmente o nível de perigo: *Será que já estou apaixonada por ele?*

Gansey desceu a colina a correr e arrancou-lhe o telescópio.

— Isto não pesa nada — disse ele, antes de voltar a subir pelo mesmo caminho.

Ela achava que ainda não estava apaixonada por ele. Nunca se tinha apaixonado antes, mas tinha quase a certeza de que saberia reconhecer o sentimento. No início do ano, tinha tido uma visão em que o beijava, e ainda conseguia visualizá-lo com facilidade. Mas a parte sensata de Blue, que normalmente era a única parte que existia, achava que isso tinha mais que ver com o facto de Richard Campbell Gansey III ter uma boca bonita do que com qualquer romance prestes a florescer.

De qualquer forma, se o destino achava que podia decidir por quem ela iria apaixonar-se, tinha outra coisa em que pensar.

Gansey acrescentou:

— Achei que terias mais músculos. As feministas não costumam ter grandes músculos?

Definitivamente, não estava apaixonada por ele.

— Sorrir enquanto dizes isso não torna a piada engraçada — respondeu Blue.

Gansey andava ocupado a pedir permissão aos proprietários locais para explorar terrenos como parte da sua busca pelo rei galês Owen Glendower. Cada uma dessas propriedades atravessava a linha ley de Henrietta — uma linha de energia invisível e perfeitamente reta que ligava locais espiritualmente significativos — e rodeava Cabeswater, uma floresta mística que a cortava. Gansey estava convencido de que Glendower estava escondido algures dentro de Cabeswater, a dormir ao longo dos séculos. Quem despertasse o rei teria direito a um favor, algo que Blue não conseguia tirar da cabeça nos últimos tempos. Parecia-lhe que Gansey era o único que realmente *precisava* disso. Não que ele soubesse que iria morrer nos próximos meses. E não que ela estivesse disposta a contar-lhe.

*Se encontrarmos Glendower em breve, pensou Blue, certamente conseguiremos salvar o Gansey.*

A subida íngreme levou-os até uma crista ampla e relvada que se estendia acima das colinas arborizadas. Bem lá em baixo, estava Henrietta, Virgínia. A cidade era ladeada por pastagens pontilhadas de casas e gado, tão pequenas e organizadas que pareciam saídas de um modelo ferroviário. Tudo, exceto a cordilheira azul ao longe, estava coberto de verde e ondulava sob o calor do verão.

Mas os rapazes não estavam a admirar a paisagem. Estavam reunidos em círculo: Adam Parrish, magro e pálido; Noah Czerny, desleixado e sombrio; e Ronan Lynch, feroz e enigmático. No ombro tatuado de Ronan pousava o seu corvo de estimação, a *Motosserra*. Apesar de o seu aperto ser cuidadoso, as garras deixavam marcas finas de ambos os lados da alça da camisola sem mangas preta. Estavam todos a observar algo que Ronan trazia nas mãos. Gansey atirou o telescópio para a relva e juntou-se ao grupo.

Adam deu espaço a Blue no círculo, os seus olhos cruzando-se com os dela por um breve momento. Como sempre, os traços dele intrigavam Blue. Não eram atraentes, mas eram *interessantes*. Ele tinha as maçãs do rosto salientes e os olhos encovados típicos de Henrietta, mas, na sua versão, esses traços eram mais delicados. Faziam-no parecer algo alienígena. Algo impenetrável.

*É este que eu escolho, Destino*, pensou Blue, determinada. *Não o Richard Gansey III. Não me vais dizer o que fazer.*

Adam roçou o cotovelo dela com a ponta dos dedos. O toque parecia um murmúrio numa língua que ela não dominava.

— Abre isso — ordenou a Ronan, a voz cheia de dúvida.

— Estás muito inseguro — escarneceu Ronan, mas sem grande malícia.

Tinha nas mãos um pequeno avião de brincar, tão largo quanto a sua palma. Era de plástico branco e liso, incrivelmente desprovido de detalhes: parecia apenas um objeto em forma de avião. Ronan abriu a escotilha onde deveria estar a bateria. Estava vazia.

— Bem, então é impossível — disse Adam. Afastou um gafanhoto que lhe tinha pousado na gola. O grupo inteiro observou em silêncio. Desde que fizera aquele ritual estranho no mês passado que todos analisavam cada movimento seu com atenção redobrada. Se Adam

reparava nesse interesse constante, nunca o deixou transparecer. — Não pode voar sem bateria nem motor.

Foi então que Blue percebeu o que aquilo era. Ronan Lynch, guardião de segredos, lutador nato, um verdadeiro demónio em forma de rapaz, tinha-lhes contado que conseguia trazer objetos dos seus sonhos. Exemplo A: *Motosserra*. Gansey ficara entusiasmado; era o tipo de pessoa que não acreditava em tudo, mas queria acreditar. Já Adam, cuja sobrevivência sempre dependera de questionar todas as verdades que lhe apresentavam, exigia provas.

— «Não pode voar sem bateria nem motor» — Ronan imitou Adam num tom mais agudo, ecoando o ligeiro sotaque arrastado típico de Henrietta. — Noah, o comando.

Noah vasculhou a relva alta à procura do comando. Tal como o avião, era branco e brilhante, com as bordas arredondadas. As suas mãos pareciam estranhamente sólidas ao segurá-lo. Embora Noah estivesse morto há já algum tempo e, tecnicamente, devesse parecer mais fantasmagórico, a linha ley parecia torná-lo mais vivo.

— O que é que devia ir dentro do avião, se não é uma bateria? — perguntou Gansey.

— Não sei. No sonho eram uns pequenos mísseis, mas acho que ficaram para trás — respondeu Ronan.

Blue arrancou algumas sementes de ervas com os dentes e estendeu-as para ele.

— Toma.

— Boa ideia, verme — disse Ronan, enfiando as sementes na escotilha. Estendeu a mão para o comando, mas Adam intercetou-o e agitou-o ao lado do ouvido.

— Isto não pesa nada — disse ele, deixando cair o comando na palma de Blue.

Blue analisou o objeto. Era mesmo leve, pensou. Tinha cinco botões brancos minúsculos: quatro dispostos em forma de cruz e um isolado. Para Blue, aquele quinto botão fazia-a lembrar Adam. Ainda fazia parte da mesma missão que os outros quatro, mas já não estava tão próximo.

— Vai funcionar — declarou Ronan, tirando-lhe o comando das mãos e entregando o avião a Noah. — Funcionou no sonho, por isso vai funcionar agora. Levanta-o.

Sempre com a postura desalinhada, Noah ergueu o pequeno avião entre o polegar e o indicador, como se estivesse prestes a lançar um lápis. Blue sentiu o coração acelerar. Era impossível que Ronan tivesse sonhado com aquele pequeno avião. Mas já tinham acontecido tantas coisas impossíveis ...

— *Kerah* — disse *Motosserra*. Era assim que chamava Ronan.

— Sim — respondeu Ronan. E depois, dirigindo-se aos outros, ordenou: — Façam a contagem.

Adam fez uma careta, mas Gansey, Noah e Blue, obedientes, começaram a contar:

— Cinco, quatro, três...

Quando chegaram ao *já*, Ronan pressionou um dos botões.

Sem fazer som, o pequeno avião disparou da mão de Noah para o ar. Funcionou. Funcionou mesmo.

Gansey soltou uma gargalhada enquanto todos erguiam a cabeça para seguir o trajeto da aeronave. Blue cobriu os olhos com a mão para manter o aviãozinho branco na mira, enquanto este voava pelo céu enevoadado. Era tão pequeno e ágil que parecia um avião verdadeiro, a milhares de metros de altitude. Com um grito frenético, *Motosserra* lançou-se do ombro de Ronan para o perseguir. Ronan manobrou o avião para a esquerda e para a direita, fazendo-o dar voltas pelo topo da colina, sempre com *Motosserra* logo atrás. Quando o avião passou de novo por cima deles, Ronan pressionou o quinto botão. Começaram a cair sementes da escotilha aberta, rolando pelos seus ombros. Blue riu-se e estendeu a palma da mão para apanhar uma.

— Sua criatura incrível — disse Gansey. O entusiasmo dele era contagiante e incondicional, tão amplo quanto o seu sorriso. Adam inclinou a cabeça para trás para observar, algo distante e imóvel a rondar-lhe os olhos. Noah murmurou um *uau*, com a palma ainda levantada, como se estivesse à espera de que o avião regressasse para a sua mão. E Ronan ficou ali, com as mãos no comando e o olhar fixo no céu, sem sorrir, mas também sem franzir o sobrolho. Os seus olhos estavam

assustadoramente vivos, e a curva dos seus lábios era selvagem e satisfeita. De repente, não parecia nada surpreendente que ele conseguisse retirar coisas dos seus sonhos.

Naquele momento, Blue sentiu-se um pouco apaixonada por todos eles. Pela magia deles. Pela missão. Pela sua estranheza e pelos seus defeitos. Os seus rapazes corvos.

Gansey deu um murro amigável no ombro de Ronan.

— Sabias que Glendower viajava com magos? Magos a sério. Feiticeiros. Ajudavam-no a controlar o tempo. Talvez possas sonhar com uma onda de frio para nós.

— Har.

— Também previam o futuro — acrescentou Gansey, virando-se para Blue.

— Não olhes para mim — disse ela bruscamente. A sua falta de talentos psíquicos era lendária.

— Ou ajudavam-*no* a prever o futuro — continuou Gansey, o que não fazia grande sentido, mas era uma tentativa evidente de a *desirritar*. A paciência curta de Blue e a sua habilidade de amplificar os talentos psíquicos dos outros também eram lendárias. — Vamos?

Blue apressou-se a apanhar o telescópio antes que Gansey conseguisse — ele lançou-lhe um olhar —, e os outros rapazes recolheram os mapas, as câmaras e os leitores de frequência eletromagnética. Puseram-se a caminho pela linha ley, perfeitamente reta, enquanto Ronan mantinha o olhar fixo no seu avião e em *Motoserra*: um pássaro branco e um pássaro preto contra o céu azul, o teto do mundo.

Enquanto caminhavam, uma súbita rajada de vento atravessou a relva rente ao chão, trazendo consigo o cheiro de água em movimento e de pedras escondidas na sombra. Blue voltou a sentir o arrepio, repetidas vezes, enquanto a certeza lhe atravessava a mente como um mantra: *a magia é real, a magia é real, a magia é real.*



**D**eclan Lynch, o mais velho dos irmãos Lynch, nunca estava realmente sozinho. Nunca estava com os irmãos, mas nunca estava sozinho. Parecia uma máquina de movimento perpétuo, alimentada pela energia dos outros: ora inclinado sobre a mesa de um amigo numa pizzeria, ora num canto escuro com a palma de uma rapariga encostada aos lábios, ora a rir-se por cima do capô do *Mercedes* de um homem mais velho. A forma como as pessoas gravitavam à sua volta era tão natural que era difícil dizer se Declan era o íman ou o metal atraído.

Para o Homem Cinzento, isso representava um obstáculo considerável na busca de uma oportunidade de falar com ele. Passou quase um dia inteiro a vaguear pelo *campus* da Academia Aglionby.

A espera, no entanto, não foi desagradável. O Homem Cinzento ficou encantado com a escola, sombreada por carvalhos centenários. O *campus* tinha aquele charme desleixado que só o tempo e o dinheiro conseguem criar. Os dormitórios estavam mais vazios do que durante o período letivo, mas não completamente desocupados. Ainda havia os filhos de CEO a viajar para países do terceiro mundo para tirarem fotografias, os filhos de músicos *punk* em digressão, carregados com mais do que simples descendentes acidentais de dezassete anos, e os filhos de homens mortos, que nunca mais os viriam buscar.

Esses poucos alunos de verão não faziam muita questão de serem discretos.

O dormitório de Declan Lynch não era tão bonito como os outros edifícios, mas ainda ostentava sinais de riqueza. Era uma relíquia dos anos

setenta, uma década Technicolor pela qual o Homem Cinzento nutria uma inexplicável afeição. A porta da frente, que deveria estar trancada com um código, estava escancarada, presa por um calço de borracha. O Homem Cinzento abanou a cabeça, em desaprovação. Não que uma porta trancada o tivesse impedido, claro, mas o gesto era importante.

Embora, na verdade, ele não estivesse certo disso. O que contava eram as ações.

Lá dentro, o dormitório tinha o ar funcional e impessoal de um hotel decente. De trás de uma das portas fechadas, ouvia-se uma faixa de *hip-hop* colombiano, sedutora e violenta. Não era o estilo do Homem Cinzento, mas conseguia perceber o apelo. Olhou para a porta. Os quartos de Aglionby não tinham números; em vez disso, cada um ostentava uma palavra com alguma virtude que a escola esperava que os alunos absorvessem. Naquela porta, lia-se *Misericórdia*. Não era o quarto que procurava.

Continuou pelo lado oposto do corredor, lendo as outras portas (*Diligência, Generosidade, Piedade*) até chegar ao quarto de Declan Lynch. *Efervescência*.

O Homem Cinzento tinha sido chamado de *efervescente* uma vez, numa revista. Tinha quase a certeza de que era por causa dos seus dentes direitos. Dentes impecáveis pareciam ser um pré-requisito para a efervescência.

Perguntou-se se Declan Lynch teria bons dentes.

Não se ouvia nenhum som por trás da porta. Testou a maçaneta, devagar. Trancada. *Lindo menino*, pensou.

Mais ao fundo do corredor, a música rugia como se anunciasse o apocalipse. O Homem Cinzento consultou o relógio. A loja de aluguer de carros fechava dentro de uma hora, e ele detestava transportes públicos. Não podia perder muito tempo.

Derrubou a porta com um pontapé.

Declan Lynch estava sentado numa das camas. Era incrivelmente bonito, com um cabelo escuro espesso e um nariz romano que lhe dava um ar distinto.

Tinha dentes impecáveis.

— O que é isto? — perguntou Declan.

O Homem Cinzento não respondeu. Em vez disso, agarrou Declan pela camisa, levantou-o da cama e atirou-o contra a janela do quarto. O som foi surpreendentemente abafado; o mais alto foi o ar a escapar dos pulmões de Declan quando as costas bateram no parapeito. Mas Declan não ficou ali muito tempo. Já estava de pé, a lutar. Não era um principiante, e o Homem Cinzento percebeu que ele achava que o elemento surpresa lhe daria vantagem.

Mas o Homem Cinzento já sabia, antes de chegar, que Niall Lynch tinha ensinado os filhos a lutar boxe. O único ensinamento prático que o pai do Homem Cinzento lhe dera foi como pronunciar *trebuchet*.

Por alguns segundos, lutaram. Declan era bom, mas o Homem Cinzento era melhor. Atirou o rapaz pelo quarto, usou o ombro de Declan para derrubar troféus, cartões de crédito e chaves de carro que estavam sobre a cómoda. O som da cabeça de Declan a bater numa gaveta confundia-se com o baixo da música ao fundo. Declan desferiu um soco, falhou. O Homem Cinzento varreu-lhe as pernas com um pontapé, atirou-o contra a parede ao lado da cómoda e avançou para outra rodada, fazendo uma pausa apenas para apanhar um capacete de mota que tinha rolado para o meio do chão.

Com um movimento rápido, Declan usou a cómoda para se levantar e puxou uma pistola de uma das gavetas.

Apontou-a ao Homem Cinzento.

— Para — disse apenas, num tom firme, enquanto destravava a arma.

O Homem Cinzento não estava à espera daquilo.

Parou.

Várias emoções lutaram por espaço no rosto de Declan, mas o choque não era uma delas. Era evidente que a arma não estava ali pela possibilidade de um ataque; estava ali pela certeza de que ele aconteceria.

O Homem Cinzento ponderou sobre como seria viver assim, sempre à espera de que a sua porta fosse derrubada. *Nada agradável*, pensou. *Provavelmente nada agradável*.

Ele não achava que Declan Lynch hesitasse em disparar. Não havia indecisão na sua postura. A mão tremia-lhe um pouco, mas o Homem Cinzento supôs que fosse devido ao impacto da luta, e não ao medo.

O Homem Cinzento considerou por um momento e, então, atirou-lhe o capacete. Declan disparou um tiro, mas foi apenas barulho. O capacete acertou-lhe nos dedos e, enquanto ele ainda estava atordoado, o Homem Cinzento avançou e arrancou-lhe a arma da mão dormente. Levou um instante para voltar a colocar a trava de segurança.

Depois, esmagou a arma contra o rosto de Declan. Repetiu o gesto algumas vezes, só para deixar clara a sua posição.

Finalmente, deixou Declan cair de joelhos. O rapaz debatia-se valentemente para não perder os sentidos. Com a sola do sapato, o Homem Cinzento empurrou-o até que ele tombasse por completo no chão e, em seguida, virou-o de costas. Os olhos de Declan fixaram-se na ventoinha do teto. Corria-lhe sangue do nariz.

O Homem Cinzento ajoelhou-se e pressionou o cano da arma contra o estômago de Declan, que subia e descia desordenadamente enquanto ele tentava recuperar o fôlego. Deslizando o cano até ao lado direito da barriga, disse, num tom quase descontraído:

— Se te der um tiro aqui, vais demorar vinte minutos a morrer, e não há nada que os médicos possam fazer por ti. Onde está o Greywaren?

Declan não respondeu. O Homem Cinzento deu-lhe tempo para refletir. Os ferimentos na cabeça tendiam a tornar os pensamentos mais lentos.

Quando Declan continuou em silêncio, o Homem Cinzento arrastou o cano até à coxa dele e pressionou com força suficiente para lhe arrancar um arquejo.

— Aqui, morrias em cinco minutos. Claro que não preciso de disparar para isso. A ponta do teu guarda-chuva ali serviria perfeitamente. Estarias morto em cinco minutos e a desejá-lo em três.

Declan fechou os olhos. Ou pelo menos tentou; o esquerdo já estava quase completamente inchado.

— Não sei — disse, por fim. A voz parecia sonolenta. — Não sei o que isso é.

— As mentiras são para os teus políticos — disse o Homem Cinzento, sem rancor. Apenas queria que Declan soubesse que ele sabia da sua vida, do seu estágio. Queria que soubesse que tinha feito o trabalho de casa. — Sei onde estão os teus irmãos agora. Sei onde vive a tua mãe. Sei o nome da tua namorada. Estamos entendidos?

— Não sei onde está. — Declan hesitou. — É a verdade. Não sei onde está. Só sei que existe.

— É o seguinte — disse o Homem Cinzento, levantando-se. — Vais encontrá-lo e, quando o fizeres, vais entregar-mo. Depois, desapareço.

— Como é que te encontro para to entregar?

— Acho que não percebeste. Sou a tua sombra. Sou o nó na garganta que engoles. Sou a tosse que te mantém acordado à noite.

— Mataste o meu pai? — perguntou Declan.

— Niall Lynch. — O Homem Cinzento pronunciou o nome lentamente, como se o estivesse a experimentar. Na sua opinião, Niall Lynch fora um péssimo pai, deixando-se matar e permitindo que os filhos vissem num lugar onde as portas de segurança ficavam escancaradas. O mundo, pensou ele, estava cheio de maus pais. — Ele também me fez essa pergunta.

Declan exalou de forma irregular: meia respiração de cada vez. O Homem Cinzento podia ver que, finalmente, ele estava com medo.

— Está bem — disse Declan. — Vou encontrá-lo. Depois, vais deixar-nos em paz. A todos nós.

O Homem Cinzento guardou a pistola na gaveta de onde tinha saído e fechou-a. Consultou o relógio. Tinha vinte minutos para levantar o carro alugado. Talvez o atualizasse para um modelo médio. Detestava carros compactos quase tanto quanto detestava transportes públicos.

— Sim.

— Está bem — repetiu Declan.

O Homem Cinzento saiu do quarto, fechando a porta a meio. Já não fechava bem; ele danificara uma das dobradiças ao entrar. Estava certo de que alguma doação acabaria por cobrir os custos.

Parou por um momento, espreitando pela fresta da porta.

Ainda havia mais a aprender com Declan Lynch naquele dia.

Durante alguns minutos, nada aconteceu. Declan ficou ali deitado, ensanguentado e desfeito. Depois, os dedos da mão direita arrastaram-se lentamente pelo chão até onde tinha caído o telemóvel. Não ligou imediatamente para o 112. Com uma lentidão agonizante, o ombro quase de certeza deslocado, marcou outro número. Imediatamente, um telemóvel começou a tocar na cama oposta. Era, o Homem Cinzento

sabia, a cama do irmão mais novo de Declan, Matthew. O toque era uma música dos Iglu & Hartly que o Homem Cinzento reconhecia, mas não aprovava. O Homem Cinzento já sabia onde Matthew Lynch estava: num barco, a flutuar no rio com alguns rapazes da zona. Tal como o irmão mais velho, incapaz de estar sozinho.

Declan deixou o telemóvel de Matthew tocar mais tempo do que o necessário, os olhos fechados. Por fim, desligou e marcou outro número. Ainda não era o 112. Quem quer que fosse, não atendeu. E quem quer que fosse fez com que a expressão já tensa de Declan ficasse ainda mais carregada. O Homem Cinzento conseguia ouvir o som distante do telemóvel a tocar e tocar, até que uma breve mensagem de voz se fez ouvir. Ele não conseguiu entender.

Declan Lynch fechou os olhos e murmurou:  
— Ronan, onde raio estás?